

# UM ESTUDO SOBRE AS FUNÇÕES DE EXPRESSÕES GRAMATICALIZADAS

Sebastião Expedito Ignácio<sup>1</sup>  
Ana Cristina Jaeger Hintze<sup>2</sup>

## 1. Introdução

Com base na língua escrita no Brasil nos últimos cinquenta anos, nas várias modalidades de textos literários, técnicos e jornalísticos<sup>3</sup>, procurou-se estudar as expressões gramaticalizadas tradicionalmente denominadas “locuções **conjuntivas**”, a que se preferiu chamar aqui “expressões **conectivas**”, uma vez que se pretende incluir como objeto de pesquisa futura as tradicionais “locuções prepositivas” que tenham a mesma função de conectar duas orações. Neste momento foram selecionadas as expressões que, tendo por núcleo um nome ou um advérbio, compõem o esquema genérico [prep + nome/advérbio QUE/prep]: *à medida que*, e suas variantes, *a menos que*, *ao passo que*, *de modo a*, *de modo que*, *de sorte que*. Tais expressões funcionam basicamente como conectivos, estabelecendo relações sintáticas entre orações, segundo os esquemas: (i) [Oração Principal + EXPRESSÃO + Oração Subordinada]: *Sairemos, a menos que chova*. (ii) [Oração Coordenada + EXPRESSÃO + Oração Coordenada]: *João adorava equitação, ao passo que Fernando preferia esqui aquático*.

O ponto de partida para a identificação das unidades gramaticais eleitas como objeto de estudo se relaciona com o que Lyons (1979) chama de esquemas. Esses esquemas ou “expressões” não são estruturados gramaticalmente ou são apenas parcialmente estruturados, mas podem combinar-se em frases, de acordo com regras produtivas. Dividem-se em (i) “esquemas frasais”, aqueles cujo “espaço vazio” se preenche com uma forma de gerúndio (ou infinitivo, em português), como, por exemplo, [*What's the use of + Ø*]: *What's the use of worrying?* (*De que adianta preocupar-se?*), e (ii) “esquemas sintagmáticos”, aqueles cujo “espaço vazio” se preenche por um SN, como, por exemplo, [*for (SN)'s sake*]: *For my mother's sake* (*Por causa de minha mãe*). A distinção entre os esquemas apresentados por Lyons e os aqui estudados é que, por um lado, estamos trabalhando com esquemas que se preenchem com sintagmas oracionais à sua direita e à sua esquerda. Eventualmente pode haver uma nominalização à direita, todavia selecionamos para este estudo apenas as realizações verbais. Assim, serão estudados esquemas do tipo [ORAÇÃO + ESQUEMA + ORAÇÃO]. Por outro lado, não nos preocupa apenas a unidade em sua constituição morfossintática, mas sobretudo a sua função como conectivo, com destaque para as relações semânticas que estabelece. Enfim, estamos preocupados com o caráter **funcional** dessas unidades. Propomo-nos, ainda, um estudo dos condicionamentos sintático-semânticos estabelecidos pelas expressões conectivas, que selecionam tipos oracionais específicos a preencherem as suas “casas vazias”, propriedade a que denominamos provisoriamente de **valência relacional**.

<sup>1</sup> Departamento de Linguística e Programa Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14.800-901 – Araraquara – SP – Brasil.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14.800-901 – Araraquara – SP – Brasil.

<sup>3</sup> A pesquisa tem como *corpus* um banco de dados contendo cerca de 80 milhões de ocorrências e que serviu de base para a confecção do Dicionário de Usos do Português (Projeto DUP), na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP.

Diz-se que tais estruturas sofreram gramaticalização porque o núcleo lexical, perdendo a sua função primitiva e, associando-se aos elementos gramaticais a que se liga, assume a função de instrumento gramatical. Já em 1912, Meillet (*apud* Neves, 1997:113) definia esse processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”. Para Hopper & Traugott (1993), é “o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais” (*apud* Neves, *op. cit.*: 15). Acrescente-se, ainda, que o conjunto de elementos passa a ter uma função global, virtualmente comutável com um conectivo simples (conjunção). Assim, por exemplo, “*na medida em que*” e “*ao passo que*” podem equivaler a “*enquanto*”, ou a outra conjunção de acordo com a relação semântica que estabelecem. Esse critério da comutação justifica, teoricamente, o fenômeno da gramaticalização, mas não pode ser tido, evidentemente, como processo de substituição válido em todos os contextos, daí a necessidade de uma descrição desses esquemas na sua realização textual (funcional), quando se detectarão as tipologias oracionais prototípicas condicionadas por cada tipo de esquema.

Considera-se, aqui, como fato consumado serem as unidades objetos de estudo expressões **gramaticalizadas**. Por isso não se objetiva um estudo do fenômeno da gramaticalização ou de como tais esquemas se gramaticalizaram diacronicamente. No entanto, recorre-se aos estudos de autores que tratam da gramaticalização tais como LEHMANN (1982); Hopper & Traugott (1993); BYBEE (1994); CASTILHO (1997); NEVES (1997), NEVES & BRAGA (1998), procurando-se demonstrar alguns “graus de gramaticalização” apresentados por determinados esquemas, bem como as funções particulares de marcadores discursivos.

## 2. Valência<sup>4</sup> relacional

A constituição morfossintática dos esquemas gramaticalizados condiciona a tipologia das estruturas oracionais que, com eles, formam as frases complexas ou os agrupamentos de orações coordenadas. Esse condicionamento, a que se pode chamar de **valência relacional**, consiste na exigência do preenchimento das “casas vazias” que envolvem os esquemas, segundo uma relação de dependência sintática e/ou semântica. A dependência semântica se evidencia nas frases complexas (oração matriz + oração encaixada<sup>5</sup>, ou oração principal + oração subordinada, na nomenclatura tradicional) tanto em relação à oração matriz (principal) quanto em relação à oração encaixada (subordinada). Ex.:

(1) São Paulo cresce **à medida que** os nordestinos constroem a sua grandeza.

O esquema **à medida que** relaciona uma oração subordinada com o traço semântico de **proporcionalidade** a uma oração principal com o traço de **conseqüência**.

Nos agrupamentos de duas orações coordenadas há sempre uma relação semântica como traço valencial do esquema, fenômeno que Othon Garcia (1975) chamou de “falsa coordenação”; na verdade, trata-se de independência sintática com dependência semântica. Ex.:

---

<sup>4</sup> Guardadas as devidas diferenças, empregamos aqui o termo “valência” no mesmo sentido em que Tesnière (1966), Vilela (1984) e Borba (1996) o empregaram em relação aos itens lexicais.

<sup>5</sup> Consideramos *orações encaixadas* as orações subordinadas substantivas (argumentais), as adverbiais (satélites) e as adjetivas restritivas. (q.v. Dik, 1997)

(2) São Paulo cresceu ao **passo que** o Rio se estabilizou.

O esquema **ao passo que**, estabelece, aí, uma relação de oposição entre a segunda e a primeira oração.

Acrescente-se ainda que, dependendo do valor relacional e/ou de sua constituição estrutural, uma mesma expressão condiciona o modo/tempo ou forma verbal da oração seguinte. Sejam, por exemplo, as expressões **de modo a** e **de modo que**. A primeira condiciona a forma infinitiva do verbo da oração encaixada, enquanto a segunda condiciona a forma finita. Ex.:

(5) Incluem-se nessas medidas a introdução de novas regras **de modo a** tornar os balanços mais transparentes e mais fiéis. (FSP)<sup>6</sup>

(6) Quero vir sem obrigações, **de modo que** tenha tempo de gozar da intimidade acolhedora dessa casa. (AM)

### **3. Graus de gramaticalização**

Estamos propondo dois critérios para a determinação dos graus de gramaticalização das expressões conectivas: um com base na evolução semântica e outro com base nas relações sintáticas.

**3.1.** Uma das características da gramaticalização é a perda do significado primitivo do item lexical gramaticalizado. Todavia, na maioria das expressões em estudo podemos detectar, num emprego que podemos chamar de prototípico, um significado que se aproxima daquele que é próprio do item lexical que constitui o núcleo da expressão. Assim as expressões **à medida que, na medida em que** e suas variantes, conservam, em princípio, o significado do termo **medida**, indicando **proporção**. Dizemos, então, que, nesse caso, o grau de gramaticalização é 1<sup>7</sup>. Ex.:

(7) Larissa se encolerizava mais, **à medida que falava**. (LC)

(8) As torres da catedral vão se erguendo **na medida em que** avançamos por esse longo chão oceano. (B)

(9) Vai empalidecendo **à medida em que** lê. (FAN)

Quando, porém, a relação semântica estabelecida é diversa do significado primitivo do núcleo nominal da expressão, o grau de gramaticalização é mais elevado. Ex.:

(10) A realidade só interessa **à medida que** a realidade contém o imaginário. (FSP)

(11) Dizer "voz abafada" faria sentido, **à medida que** é provável que muitos eleitores queiram de fato reeleger FHC, sem ter expressado esse desejo. (FSP)

---

<sup>6</sup> As abreviaturas entre parênteses são convencionais, segundo critério utilizado pelo banco de dados, e correspondem às obras de onde foram tirados os exemplos.

<sup>7</sup> Note-se que não pretendemos quantificar essa gradação a partir do que consideramos grau 1, já que em qualquer tentativa nesse sentido não avançaríamos além das hipóteses.

(12) Suas conclusões devem ser aceitas sempre com alguma cautela, **na medida que** a ditadura da exatidão numérica sempre esconde graus variados de irracionalismo. (FSP)

(13) Acho o festival interessante, **à medida em que** se pode mostrar o trabalho da gente. (CB)

(14) **Na medida que** o governo reconhece os desaparecidos como mortos, como vai justificar a discriminação com os mortos sob tortura por agentes públicos? (FSP)

Note-se que, nos exemplos acima, o valor semântico das expressões se distancia do significado de proporcionalidade: **condicional**, em (10); **causal**, em (11); **causal/explicativo**, em (12); **causal**, em (13); **condicional**, em (14).

Essa gradação não ocorre com a expressão **a menos que**, pois o significado primitivo do item **menos** se perdeu totalmente no emprego da expressão gramaticalizada, que estabelece uma relação de **condição**. Ex.:

(15) Madruga viu Eulália levantar-se, ameaçava abandonar a sala, **a menos que** se retratasse. (REP)

Ocorre variação com **de modo a** e **de modo que**. A primeira, condicionando oração infinitiva, normalmente conserva o valor semântico do núcleo **modo** (“maneira de proceder”). Mas a segunda apresenta variações semânticas diversas que se caracterizam como um grau maior de gramaticalização. Ex.:

(16) A medida visa promover maior rodízio entre os membros do júri, **de modo a** não prejudicá-los profissionalmente. (FSP)

(17) O livro é organizado **de modo a** evidenciar as relações do cinema com outras áreas da produção cultural e da atividade humana. (FSP)

(18) Depois virou-se para mim, **de modo que** o Lúcio escutasse. (ACM)

(19) Escuta Miraglia: eu não trabalhei no seu caso, **de modo que**, para mim, ali tem ainda muita coisa mal explicada. (AFA)

Tem-se aqui: **maneira de ser (modo)** em (16) e (17), logo menor grau de gramaticalização; **finalidade/conseqüência** em (18) e **conclusão** em (19), portanto maior grau de gramaticalização nos dois últimos casos.

A expressão **de sorte que**, que concorre com **de modo que**, apresenta também valores semânticos diversos nas situações em que é empregada, todavia é impossível detectar qualquer relação com o significado do núcleo **sorte**. Podemos dizer, então, que, do ponto de vista semântico, se trata de uma expressão altamente gramaticalizada em todos os seus empregos. Ex.:

(20) Então, o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, **de sorte que** seus olhos pudessem se encher de claridade e ganhar as dimensões do vasto horizonte. (FSP) [**modo**]

(21) O esforço que a Receita Federal tem de realizar é o de fazer observar a lei tributária na sua plenitude, **de sorte que** todos paguem o imposto devido, sem exceções. (FSP) [**finalidade/conseqüência**]

(22) Nossa solidariedade é com todas as Américas, **de sorte que** um país não pode ser socorrido enquanto o outro continua sendo sufocado (FSP) [**conclusão**]

3.2. O segundo critério inspira-se no “grau de integralização” entre as orações citado por Neves & Braga (1998: 197) quando, lembrando Hopper & Traugott (1993), afirmam que “quanto mais integradas as orações, mais avançado o processo de gramaticalização”. Transferindo essa noção para as expressões conectivas, podemos dizer que uma mesma expressão apresentará maior grau de gramaticalização ao estabelecer relação de subordinação do que ao estabelecer relação de coordenação. Seja a expressão **ao passo que** nos exemplos abaixo. O primeiro, (23), com valor **causal**, é mais fortemente gramaticalizado que o segundo, (24), de valor nitidamente **opositivo**, estabelecendo uma relação de coordenação entre as orações.

(23) O poema “O Colombo” do Pessoa de “Mensagem”, redime esse sentimento e, na sua grandeza, é já uma superação de toda inferioridade **ao passo que** propõe uma transcendência da mágoa. (FSP)

(24) Os músicos parecem bloqueados a vãos especulativos, **ao passo que** os filósofos se embaraçam diante da arte dos sons. (FSP)

Igualmente a expressão **de modo que**, estabelecendo uma relação de **causa e efeito** entre a oração principal e a subordinada **consecutiva**, em (25), apresenta maior grau de gramaticalização do que em (26), em que estabelece uma relação de coordenação, funcionando como um operador **conclusivo**:

(25) Quero vir sem obrigações, de modo que tenha tempo de gozar da intimidade acolhedora desta casa (AM)

(26) Aqui, uma pessoa perguntava e a outra respondia, de modo que aquele que respondia tinha que defender uma opinião. (CET)

Os dois critérios acima propostos não se excluem, todavia nem sempre se aplicam concomitantemente. São pontos de vista diferentes: um procura detectar o grau de gramaticalização exclusivamente do ponto de vista semântico (perda do significado primitivo do núcleo da expressão gramaticalizada); o outro se refere ao maior ou menor grau de integralização sintática entre as orações (da hipotaxe para a parataxe).

#### 4. Discursivização

Alguns esquemas se realizam, sincronicamente, em níveis diferentes de análise, isto é, passam do nível sintático para o nível discursivo, ocorrendo, assim, o que Castilho (1997)

chama *discursivização*. Vejam-se, por exemplo, as expressões *de modo que* e *de sorte que*, nos casos abaixo:

(27) De modo que se eu for a Brasília pessoalmente conseguirei o empréstimo? (JT)

(28) De sorte que uma simples folha oriunda de cultivo sob ausência de N em nada se compara a estas, enormes, crassas e duras. (TF)

(31) Mas enquanto consultavam a lei, corria o tempo, de sorte que, por sorte, os três bebuns, passada a carraspana, despertaram para a vida. (GTT)

Castilho (*op. cit.*: 56-57) fala em **desgramaticalização** quando um item perde suas propriedades gramaticais, passando a constituir-se numa categoria discursiva. Lembra, como exemplos, o delocutivo *falou?* E os Marcadores Conversacionais como *tá? sabe? entende? compreende? viu? né?* Assim, esses itens **desgramaticalizados** adquirem uma função eminentemente fática, própria do discurso. Da mesma forma que os itens exemplificados por Castilho, vemos as expressões conectivas supracitadas.

Ressalte-se que o processo da desgramaticalização, ou discursivização, não pressupõe uma **regressão**, já que, como afirmam Hopper-Traugott (*op. cit.*), o processo da gramaticalização é irreversível. O que ocorre na discursivização pode ser visto, ao contrário, como uma **evolução** da linguagem, dada a criatividade do falante que, na dimensão pragmática, passa a empregar estruturas gramaticais mais ou menos fixas, previstas pelo sistema, como formas discursivas.

## **5. Conclusões**

As expressões gramaticalizadas que funcionam como conectivos oracionais apresentam propriedades sintático-semânticas e pragmáticas dignas de nota:

1. À semelhança dos itens lexicais valenciais, condicionam o tipo de orações que conectam, seja com relação à estrutura morfossintática, seja com relação ao valor semântico.

2. Apresentam graus de gramaticalização que se podem detectar sob dois pontos de vista: do ponto de vista da evolução semântica, apresenta maior grau de gramaticalização a expressão cujo significado se distancia do significado primitivo do item lexical que constitui o núcleo da expressão. Do ponto de vista sintático apresenta maior grau de gramaticalização a expressão que estabelece maior grau de integração (dependência sintática) entre as orações.

3. Perdendo a sua função essencialmente gramatical, ou seja, a de conectivo, passam a operadores de discurso, adquirindo como que uma função fática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BYBEE, J. *et alii*. "The Evolution of Grammar. Tense, Aspect and Modality". In: **The Languages of the world**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.
- CASTILHO, A. T. "A gramaticalização". In: **Estudos Lingüísticos e Literários** 19:25-64. São Paulo: USP, 1997
- DIK, C. S. *The theory of Functionel grammar*. Part 2: Complex and Derived Constructions. Ed. By Kess Hengeveld. Berlim; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 3. ed., Rio de Janeiro: FGV, 1975.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LEHMANN, C. "Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change". In: **Lingua e Stile** 20:303-318, 1982.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. & BRAGA, M. L. Hipotaxe e Gramaticalização: Uma Análise das Construções de Tempo e de Condição. São Paulo: *D.E.L.T.A.* 14: 191-208.
- TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2. ed., Paris, Klincksieck, 1966.
- VILELA, M. *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina, 1984.